

Orquestra da Costa Atlântica

24 set 2024
21:00 Sala Suggia

Luis Miguel Clemente direção musical

Três séculos de música portuguesa

Sérgio Azevedo

Abertura Giocosa (2006; c.8min)

Joly Braga Santos

Divertimento para orquestra n.º 1 op.36 (1959-61; c.25min)

1. Prelúdio
2. Intermezzo
3. Finale

INTERVALO

João Domingos Bomtempo

Sinfonia n.º 2 em Ré maior (1821-1823; c.40min)*

1. Sostenuto — Allegro moderato
2. Allegretto
3. Minuetto: Allegro
4. Allegro

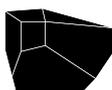
*estreia mundial de uma nova edição.

Sérgio Azevedo

COIMBRA, 1968

Nascido em Coimbra, Sérgio Azevedo é considerado um dos mais importantes compositores da sua geração em Portugal. Estudou composição na Academia de Amadores de Música em Lisboa, com Fernando Lopes-Graça, com o qual manteve uma estreita relação até à morte deste em 1994. Vencedor de vários prémios de composição em Portugal e no estrangeiro, tem um vasto catálogo de obras escritas e interpretadas em vários países.

A sua **Abertura Giocosa**, escrita *in memoriam* de Sergei Prokofieff, é uma obra enérgica e vibrante que reflete o seu espírito lúdico e inventivo inspirado pela linguagem arrojada e multicolor do célebre compositor soviético. Estreada em 2006, é um exemplo claro do talento de Azevedo em combinar tradição e modernidade, explorando a leveza e a vivacidade típicas de uma abertura orquestral. A obra apresenta uma estrutura formal bem delineada, mas com um tratamento harmónico e rítmico contemporâneo, que dá à música um carácter fresco e imprevisível. A Abertura Giocosa não se limita a ser uma mera peça introdutória; é uma celebração da cor orquestral e do virtuosismo instrumental, com passagens rápidas e dinâmicas contrastantes que desafiam tanto a orquestra quanto o público a embarcarem numa viagem musical de surpresas e contrastes. O diálogo entre as secções instrumentais revela uma atenção meticulosa ao detalhe, enquanto preserva uma fluidez narrativa que cativa do início ao fim. Existe uma curta alusão à 5.ª Sinfonia de Prokofieff, não no tema, mas na textura orquestral do acompanhamento de um dos temas secundários, em que a melodia é dada aos clarinetes e às violas em uníssono, com leves toques da percussão, e o hino da secção central tem claramente um carácter popular russo. Azevedo demonstra aqui o seu domínio do gesto sinfónico, criando uma obra que, apesar de sua aparente leveza, revela profundidade e sofisticação.



Joly Braga Santos

LISBOA, 1924 — LISBOA, 1988

Nascido em Lisboa, Joly Braga Santos destacou-se como um dos mais importantes compositores e maestros portugueses do século XX. Embora tenha falecido relativamente jovem, encontrava-se no auge da sua criatividade. A sua juventude foi marcada pelas restrições impostas pela II Guerra Mundial (1939-1945), que limitaram o seu contacto direto com a eferescente cena musical europeia. Este isolamento contribuiu para o interesse profundo pela tradição folclórica portuguesa, que influenciaria muitas das suas obras. Só mais tarde, com uma bolsa de estudo, viajou para Itália, onde aprofundou os conhecimentos em musicologia, composição e direção de orquestra.

Braga Santos era um orquestrador de excepcional talento, cuja linguagem musical se distingue pela clareza formal e pela utilização de longas linhas melódicas, frequentemente associadas a um forte sentido dramático. Apesar de ter criado importantes contribuições no domínio do teatro lírico ou da música de câmara, o núcleo central da sua produção é eminentemente orquestral. Neste *corpus*, destacam-se as suas seis sinfonias, o monumental *Requiem à Memória de Freitas Branco* e a ópera *Trilogia das Três Barcas*, baseada em textos de Gil Vicente, considerada uma obra-prima do repertório lírico português.

O **Divertimento n.º 1**, composto em três andamentos e dedicado ao compositor italiano Virgilio Mortari, é uma das raras peças de Braga Santos diretamente inspiradas em temas do folclore português. O primeiro andamento, "Prelúdio", inicia-se com uma introdução lenta, onde a trompa se destaca, seguida pelo oboé que assume o papel melódico principal. Esta introdução evolui para um "Allegro", que constitui a secção central, retornando no final ao carácter lento da abertura. O segundo andamento, *Intermezzo*, funciona como um scherzo em forma binária, caracterizado por uma atmosfera graciosa e ligeiramente cómica, com as cordas a dominar o tecido musical. Um brilhante *accelerando* conduz o andamento à sua conclusão. O terceiro e último andamento, "Finale", estrutura-se em quatro secções: a primeira apresenta uma melodia folclórica sustentada por um ritmo vigoroso; a segunda introduz um novo tema que alterna entre as cordas e os sopros; a terceira parte desenvolve o material temático, conduzindo a uma secção final mais lenta, que evoca a atmosfera inicial da obra.

Com esta peça, Braga Santos reafirma a sua mestria em integrar elementos da tradição portuguesa numa linguagem orquestral sofisticada, criando uma obra de grande frescura e vitalidade.

João Domingos Bomtempo

LISBOA, 1775 — LISBOA, 1842

João Domingos Bomtempo é uma figura central da música erudita portuguesa do século XIX, cujas contribuições transcenderam fronteiras, afirmando-o igualmente como um nome relevante no cenário musical europeu. A sua carreira foi marcada por uma intensa atividade internacional, tendo vivido e atuado em Portugal, França e Inglaterra, onde consolidou a sua reputação como pianista e compositor de grande talento.

Desde jovem, Bomtempo revelou um dom excepcional para a música, e aos 17 anos já era reconhecido no meio musical. As suas composições destacam-se pela capacidade de fundir as formas estruturais do Classicismo com a expressividade emocional do Romantismo. Esta síntese de estilos conferiu às suas obras uma qualidade singular, ao mesmo tempo cativante e inovadora, colocando-o entre os pioneiros da transição entre estes dois períodos estéticos.

Para além do seu valor como compositor, Bomtempo desempenhou um papel determinante na educação musical em Portugal, sendo um dos fundadores do Real Conservatório de Música de Lisboa. O seu compromisso com o ensino e a sua visão sobre o papel da música na sociedade posicionam-no como um pedagogo visionário, profundamente empenhado na valorização da arte musical como meio de expressão cultural e identidade nacional.

Apesar da importância inegável de Bomtempo, a sua obra tem sido insuficientemente interpretada e estudada, em grande parte devido às edições disponíveis, difíceis de adquirir e que se encontram repletas de erros e omissões. Com o objetivo de preservar e revitalizar este património cultural, a Associação Cultural Eklektica, sob a direção artística do maestro Luis Miguel Clemente, com a colaboração do compositor Nuno Peixoto de Pinho e com o apoio da Direção Geral das Artes, tem liderado um projeto de recuperação integral, edição crítica e estudo musicológico da obra de Bomtempo, incluindo o repertório de câmara, sinfonias e concertos para piano. O concerto de hoje apresenta em estreia mundial uma dessas obras restauradas, a Sinfonia n.º 2, devolvendo ao público uma das joias esquecidas do legado musical português.

A **Segunda Sinfonia** de João Domingos Bomtempo reflete tanto o seu crescimento musical quanto os seus ideais políticos. Composta provavelmente entre 1821 e 1823, a obra coincide com o regresso da Família Real portuguesa do Brasil, o próprio retorno de Bomtempo a Lisboa e a sua liderança na fundação da Sociedade Filarmónica de Lisboa, em 1822. A sinfonia foi estreada num concerto desta mesma Sociedade em 1823. Escrita mais de uma década após a Primeira Sinfonia, apresenta um estilo sinfónico mais elaborado, com o dobro da extensão da sua antecessora e avanços significativos na orquestração, linguagem harmónica e complexidade melódica, onde ecoam influências do amigo e mentor Clementi e de Beethoven.

Composta em quatro movimentos, a sinfonia revela uma diversidade de ferramentas composicionais, referências culturais e posturas ideológicas. Os materiais melódicos refletem o interesse de Bomtempo pela arte contrapontística e pela construção motivicamente rigorosa, mas nunca rígida: as relações entre os temas

principais e secundários, as inversões tanto das melodias quanto dos acompanhamentos, são características centrais.

O primeiro andamento começa com uma introdução dramática e lenta, uma das poucas aparições prolongadas de tonalidade menor nesta sinfonia. Com uma única nota de modulação, o tom muda para maior, estabelecendo o clima iluminado que predomina no resto da obra. A forma sonata segue-se de maneira clara, combinando elementos clássicos — temas altamente melódicos e frases regulares — com inovações, como o diálogo equilibrado entre cordas, sopros e metais, e a construção de temas a partir de células motivicas.

O segundo andamento é caracterizado por contrastes, começando com uma quase fuga e culminando numa série de temas diferenciados por dinâmicas abruptas, mudanças de textura orquestral e modulações inesperadas, levando o movimento ao seu final em Sol maior.

O terceiro andamento segue uma estrutura mais tradicional, com um minueto rápido e um trio lírico, que evidenciam uma concepção romântica da escrita sinfônica, com diálogos contínuos entre as seções e mudanças dinâmicas estruturadas, sustentadas por crescendos e contrastes súbitos de dinâmicas.

O quarto andamento retoma materiais temáticos e dispositivos harmônicos dos movimentos anteriores, reunindo os momentos definidores da sinfonia. Passagens com notas pedais persistentes, síncopes enérgicas e escalas em terceiras paralelas são características marcantes.

No seu todo, esta sinfonia de grande dimensão e ímpeto constante revela um compositor determinado a expandir a forma sinfônica.

LUIS MIGUEL CLEMENTE

Luis Miguel Clemente direção musical

Luis Miguel Clemente é um proeminente maestro português, reconhecido como um dos mais carismáticos, talentosos e estimulantes da sua geração. Desenvolve uma intensa atividade musical em Portugal e no estrangeiro.

Atualmente, é maestro titular e diretor artístico da Orquestra da Costa Atlântica, diretor de Estudos e professor superior de direção na Academia de Direção de Orquestra da Costa Atlântica. É cofundador da Associação Cultural Ekletica, entidade que tem como finalidade promover a recuperação, preservação, valorização, disseminação e fruição de património cultural português na área artística da música erudita.

Como maestro, apresenta-se regularmente em países como Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Suíça, Moldávia, Croácia, Hungria, Itália, Roménia, Grécia, Canadá, EUA, México, Eslováquia, Myanmar, Taiwan e China. Foi reconhecido diversas vezes pela qualidade do seu trabalho artístico e musical. Em 2008 recebeu o prémio Cátedra Leonard Bernstein, atribuído pela fundação Caja Rural de España. Em 2021 foi vencedor do International Conducting Competition em Budapeste. Em 2014 alcançou o 1.º Prémio no Pacific Region Young Soloist Competition, dirigindo a Pacific Region Festival Orchestra no Canadá. Foi agraciado com o prémio de excelência artística do Rotary Club de Powell River (Canadá) e também com o prémio do Rotary Club da Covilhã, reconhecendo o mérito e impacto artístico do seu trabalho na cena cultural da cidade. Desde 2007 foi agraciado por diversas vezes pela Câmara Municipal de Portel, em reconhecimento do impacto cultural e excelência artística de projetos desenvolvidos na vida cultural local desse território — como é o caso do estágio para jovens músicos “Orquestra Nacional de Sopros”, do Festival Internacional de Música de Portel e, desde 2023, da Academia de Música e Artes de Verão.

Nos últimos anos, Luis Miguel Clemente estabeleceu também um forte perfil como professor superior de direção de orquestra, sendo regularmente convidado para lecionar masterclasses e a colaborar com instituições de grande prestígio em vários países, tais como a West Texas A&M University (EUA) e no Oxford Conducting Institute (St. Anne’s College, Universidade de Oxford, Inglaterra).

Luis Miguel Clemente é licenciado em Ciências Musicais (Univ. Nova de Lisboa) e em Direção de Orquestra (Royal School of Music de Londres), Pós-Graduado e Mestre em Music Performance (Maryland University, EUA) e Pós-Graduado em Direção de Orquestra (ISEB, Itália). Completou o Diploma de Especialização Musical em Direção de Orquestra (Univ. de Aveiro) e o Doutoramento em Direção de Orquestra (Univ. de Aveiro) com tese sobre a fenomenologia gestual do maestro Carlos Kleiber.

Orquestra da Costa Atlântica

A Orquestra da Costa Atlântica reúne instrumentistas de elevado nível técnico e artístico numa formação de singular excelência no panorama musical português.

Constituída por um efetivo de sessenta instrumentistas profissionais, a Orquestra da Costa Atlântica pode ser reduzida ou expandida de acordo com as especificidades de cada programa de concerto. Desta forma, a orquestra pode interpretar um amplo repertório, que se estende do classicismo até à música contemporânea, bailados ou óperas, assegurando uma intensa e versátil atividade artística.

Em cada temporada, a Orquestra da Costa Atlântica realiza uma série regular de concertos em diversas salas do país. Através da atividade concertística e da criatividade dos programas que apresenta, a orquestra cumpre uma função descentralizadora no acesso das pessoas à música erudita. Contribui ainda para a captação e formação de novos públicos, e gera um indiscutível valor cultural e social para as comunidades e território onde se apresenta.

Entre agosto e setembro de 2024, a convite do Ministro da Cultura da China, a Orquestra da Costa Atlântica realizou uma digressão pela China, num total de 25 concertos distribuídos pelas salas de espetáculos mais importantes e emblemáticas do país.

A Orquestra da Costa Atlântica tem como Diretor Artístico e Maestro Titular Luis Miguel Clemente, reconhecido como um dos mais carismáticos, talentosos e estimulantes maestros da cena musical portuguesa.

O projeto artístico protagonizado pela Orquestra da Costa Atlântica é reconhecido como um dos mais inovadores e uma referência no âmbito da música erudita em Portugal.

Violino I

Vitor Vieira (concertino)
Fabiana Fernandes
Margarida Costa
Sara Silva
Inês Vilarinho
Maxence Mouries
José Pedro Rocha
Sara Veloso
Oksana Kurtash
Leonor Oliveira

Violino II

David Lloyd
Afonso Almeida
Ana Socorro
Ricardo Monteiro
Carolina Pimenta
Lourenço Ribeiro
Graça Gandra
Mariana Lopes
Inês Carmona
Iara Sousa

Viola

Jorge Alves
Catarina Gonçalves
Mariana Vieira
Rita Carreiras
João Santos
Maria Almeida

Violoncelo

António Ferreira
Jorge Teixeira
Alessio Cunha
Burak Ozkan
Carolina Costa
Sofia Azevedo

Contrabaixo

Jorge Castro
Margarida Rocha
Daniel Gomes
Sofia Faria

Flauta

Maria Balseiro
Mariana Portovedo

Oboé

Pedro Teixeira
Luís Figueiredo

Clarinete

Mário Apolinário
Luís Sampaio

Fagote

José Oliveira
Sandra Ochoa

Trompas

Hugo Dias
Luís Moutinho

Trompetes

João Sousa
Luís Campos

Tímpanos

José Afonso

Percussão

Lourenço Oliveira
Jorge Lima

Direção artística e musical

Luis Miguel Clemente

Direção executiva

Ana Carolina Capitão

Marketing e Comunicação

Catarina Coutinho

Produção e Comunicação Cultural

Sara Gonçalves (estagiária)

Operação técnica

Iluminação

Virgínia Esteves

Palco

André Silva
Rui Brito
Vitor Resende

PRODUÇÃO



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL



APOIO



CO-PRODUÇÃO



orquestra
costa atlântica

A ORQUESTRA DA COSTA ATLÂNTICA
É UMA ESTRUTURA ARTÍSTICA FINANCIADA POR



PARCEIROS

